

EFETIVIDADE E SEGURANÇA: COMPARATIVA ENTRE ANTIPSICÓTICOS TÍPICOS E ATÍPICOS

Ameliane Thalia Gomes Soares¹

Carlos Eduardo Rodrigues¹

Davi Augusto de Oliveira¹

Kailaine Leite de Sá¹

Rafael Vitor Santana da Silva¹

Adriano Carlos Soares²

professoradrianosoares@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

PALAVRAS-CHAVE: Antipsicóticos; Dopamina; Serotonina; efeitos adversos.

1 INTRODUÇÃO

Os antipsicóticos constituem a principal classe farmacológica utilizada no tratamento da esquizofrenia e de outros transtornos psicóticos, sendo fundamentais para o controle dos sintomas positivos, como delírios e alucinações, e para a redução de recaídas e hospitalizações. Desde a introdução da clorpromazina na década de 1950, os antipsicóticos passaram por importantes avanços, culminando no desenvolvimento dos chamados antipsicóticos de segunda geração, ou atípicos, que apresentam mecanismos de ação mais complexos e perfis de efeitos adversos distintos dos fármacos de primeira geração (Brunton; Chabner; Knollmann; 2012). Segundo Katzung e Vanderah (2022) os antipsicóticos típicos exercem sua ação predominantemente por meio do bloqueio dos receptores dopaminérgicos D₂, especialmente na via mesolímbica, o que explica sua eficácia no tratamento dos sintomas positivos da esquizofrenia. Entretanto, o antagonismo dopaminérgico não seletivo também afeta outras vias do sistema nervoso central, estando associado a efeitos extrapiramidais, hiperprolactinemia e outras reações adversas relevantes (Cordeiro; Pereira; Borges, 2023). Em contrapartida, os antipsicóticos atípicos combinam o bloqueio dos receptores D₂ com antagonismo serotoninérgico, especialmente nos receptores 5-HT_{2A}, característica que contribui para a redução dos efeitos motores e para possíveis benefícios sobre sintomas negativos e cognitivos da doença. Oliveira (2000) enfatiza que embora os antipsicóticos atípicos apresentem

¹ Acadêmicos (as) do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice- Univértix.

² Farmacêutico Bioquímico (UFOP); Doutor em Bioquímica Aplicada (Biotecnologia) (UFV); Mestre em Ciências Naturais e da Saúde (UNEC); Especialista em Docência do Ensino Superior (UCAM, RJ); Especialista em Implante (FACSETE/Ipatinga); Especialista em Prótese (FACSETE/Ipatinga); Professor dos cursos de Farmácia, Psicologia, Enfermagem, Biomedicina, Medicina e Odontologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

vantagens, sua superioridade nem sempre é absoluta devido aos possíveis efeitos metabólicos, cardiovasculares e endócrinos. Por isso, a escolha do tratamento deve considerar a eficácia, a segurança, a tolerabilidade e as características individuais de cada paciente. O presente trabalho tem como objetivo comparar a efetividade e a segurança dos antipsicóticos típicos e atípicos, analisando sua eficácia clínica, mecanismos de ação e principais efeitos adversos, a fim de identificar as vantagens e limitações de cada classe no tratamento dos transtornos psicóticos.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de revisão de literatura. Essa abordagem tem como objetivo reunir, analisar e sintetizar conhecimentos científicos já produzidos acerca dos antipsicóticos típicos e atípicos, permitindo uma compreensão abrangente sobre sua efetividade terapêutica e perfil de segurança. A coleta de dados foi realizada por meio de fontes secundárias, incluindo livros, artigos científicos e documentos acadêmicos disponíveis em bases de dados eletrônicas, como SciELO, Google Acadêmico e bibliotecas digitais. Os critérios de inclusão compreenderam estudos que abordassem os mecanismos de ação, a eficácia clínica, os efeitos adversos e a aplicação terapêutica dos antipsicóticos de primeira e segunda geração. Foram excluídos trabalhos que não apresentavam relação direta com o tema ou que não possuíam fundamentação científica adequada. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e comparativa, permitindo a organização das informações em categorias temáticas, como mecanismos farmacológicos, efetividade clínica, efeitos adversos e segurança terapêutica. Dessa forma, buscou-se identificar as principais vantagens e limitações dos antipsicóticos típicos e atípicos no tratamento dos transtornos psicóticos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura demonstrou que os antipsicóticos típicos e atípicos apresentam eficácia semelhante no controle dos sintomas positivos da esquizofrenia, como delírios, alucinações e alterações do pensamento. Os antipsicóticos típicos, representados principalmente pelo haloperidol, exercem sua ação por meio do bloqueio intenso dos receptores dopaminérgicos D2 na via mesolímbica, promovendo importante redução da atividade dopaminérgica associada aos sintomas psicóticos (Alves, 2001). Entretanto, devido ao antagonismo dopaminérgico pouco seletivo, esses fármacos também afetam outras vias do sistema nervoso central, aumentando significativamente a ocorrência de efeitos adversos. Entre os principais efeitos observados com os antipsicóticos típicos destacam-se os sintomas extrapiramidais, incluindo distonia aguda, acatisia, parkinsonismo e discinesia tardia. Segundo Abreu, Bolognesi e Rocha (2000) esses efeitos estão relacionados ao bloqueio dos receptores D2 na via nigroestriatal, comprometendo a transmissão dopaminérgica responsável pelo controle motor. A literatura aponta que o risco de discinesia tardia aumenta progressivamente com o tempo de uso, constituindo uma das principais limitações dessa classe terapêutica. Em relação aos antipsicóticos atípicos, observou-se que eles apresentam ação nos receptores D2 e 5-HT_{2A}, o que reduz os sintomas

extrapiramidais em comparação aos típicos. Além disso, podem contribuir para a melhora dos sintomas negativos e déficits cognitivos, favorecendo a funcionalidade e a qualidade de vida dos pacientes. Embora apresentem vantagens, os antipsicóticos atípicos podem causar efeitos metabólicos importantes, como ganho de peso, síndrome metabólica, resistência à insulina e aumento do risco cardiovascular, tornando necessário o monitoramento clínico contínuo (Cândido *et al.*, 2025). Outro aspecto importante identificado refere-se à hiperprolactinemia, de acordo com Pires e Gomes (2024) ela ocorre devido ao bloqueio dos receptores D2, aumentando os níveis de prolactina e podendo causar galactorreia, amenorreia, ginecomastia e redução da libido. Embora seja mais comum com antipsicóticos típicos, alguns atípicos, como risperidona e paliperidona, também apresentam elevado risco desse efeito. A escolha entre antipsicóticos típicos e atípicos deve considerar tanto a eficácia quanto a segurança. Os típicos apresentam menor risco metabólico, mas maior incidência de efeitos extrapiramidais e endócrinos, enquanto os atípicos oferecem melhor tolerabilidade motora, embora possam aumentar o risco de alterações metabólicas e cardiovasculares. Assim, o tratamento deve ser individualizado conforme as características e necessidades de cada paciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os antipsicóticos típicos e atípicos são eficazes no tratamento dos transtornos psicóticos, porém apresentam perfis de segurança distintos. Os típicos estão mais associados a efeitos extrapiramidais e hiperprolactinemia, enquanto os atípicos apresentam menor risco motor, mas maior potencial para alterações metabólicas. Assim, a escolha do tratamento deve ser individualizada, considerando as características clínicas, os riscos e as necessidades de cada paciente, visando maior eficácia terapêutica e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BRUNTON, Laurence L.; CHABNER, Bruce A.; KNOLLMANN, Björn C. **Goodman & Gilman: as bases farmacológicas da terapêutica**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/49202496/As_Bases_Farmacologicas_da_terap%C3%AAutica_Goodman_and_Gilman_12a_Edi%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 09 jun. 2026.

KATZUNG, Bertram G.; VANDERAH, Todd W. **Farmacologia básica e clínica**. 15. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=fotAAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 09 jun. 2026.

CORDEIRO, Daiane Maria; PEREIRA, Guilherme Antoniacomi; BORGES, Rafael Nunes. Revisão clínica: introdução de antipsicóticos na atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, p. 2930, 2023. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/370415671_Revisao_clinica_introducao_de_antipsicoticos_na_atencao_primaria_a_saude. Acesso em: 09 jun. 2026.

OLIVEIRA, I. R.. Antipsicóticos atípicos: farmacologia e uso clínico. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 38–40, maio 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/GCrCnMrXdhSyGf89HwHxzYn/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2026.

ALVES, C. R. R.; SILVA, M. T. A.. A esquizofrenia e seu tratamento farmacológico. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 18, n. 1, p. 12–22, jan. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/ZzvLByxpHxqLPZqgVrj4GKz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2026.

ABREU, Paulo Belmonte de; BOLOGNESI, Gustavo; ROCHA, Neusa. Prevenção e tratamento de efeitos adversos de antipsicóticos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, supl. 1, p. 41-44, maio 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/tbyDJBzrBKmmgfSMVR3JqrR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2026.

CÂNDIDO FRERES, S.; JÁCOME CHRISPIM, M. E.; FURTADO DA GRAÇA CEZAR, G.; VASCONCELOS RODRIGUES DE OLIVEIRA TONELLO, L.; FREIRE PEREIRA BASTOS, R. L.; DE NOVAES SANTOS, E.; ROSSI, B.; MOREIRA LEMOS CENDRETTI, L.; MOTA LAGE DOMINGUES TEIXEIRA, L. G.; CAMPOS CASCELLI VAZ, G. G.; SIROTTI BEOLCHI, G. Avanços Terapêuticos no Manejo da Esquizofrenia: Eficácia, Segurança e Perspectivas Clínicas dos Antipsicóticos de Segunda Geração. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 801–813, 2025. DOI: 10.36557/2674-8169.2025v7n9p801-813. Disponível em: <https://bjihis.emnuvens.com.br/bjihis/article/view/6291>. Acesso em: 12 jun. 2026.

PIRES, Paola Aparecida; GOMES, Marcell Milane. Hiperprolactinemia em uma abordagem integrada de fatores psicológicos, fisiológicos e patológicos: revisão integrativa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 9, ed. 7, v. 1, p. 82-101, jul. 2024. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wpcontent/uploads/2024/07/hiperprolactinemia.pdf>. Acesso em 12 jun. 2026.